

prezíveis ou desprezados a quem me refiro e de quem só tenho recebido homenagens”(264).

Mas o que Lima Barreto foi, sem a menor dúvida — com ser “o maior e o mais brasileiro dos nossos romancistas”(265) — foi o primeiro dos modernistas: “Lembro-me da grande admiração que tinha por Lima Barreto o grupo paulista de 1922 — depõe Sérgio Milliet. O *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, principalmente, nos entusiasmava. Algum dentre nós, como Antônio de Alcântara Machado, andavam obcecados. (. . .) O que mais nos espantava então era o estilo direto, a precisão descritiva da frase, a atitude antiliterária do escritor, a limpeza de sua prosa, objetivos que os modernistas também visavam. Mas admirávamos por outro lado a sua irreverência fria, a quase crueldade científica com que analisava uma personagem, a ironia mordaz, a agudeza que revelava na marcação dos caracteres”(266). Lima Barreto sabia da superficialidade da cultura dos letrados mais conhecidos e festejados e não os poupava, não lhes prestava nenhuma homenagem, não lhes tinha o menor respeito: “A sua simplicidade de maneiras permitia mesmo certas liberdades. E um dia, Peregrino Júnior, o mais jovem repórter da imprensa carioca, teria a lembrança de aconselhar o mestre a deixar a bebida, ou a beber menos, pois do contrário acabaria não produzindo mais nada, e se prejudicando como tantos outros. O romancista teria respondido com uma piada ao rapazola, olhando-o por cima: — ‘Que nada, menino. O que prejudica os nossos literatos não é a cachaça. É a burrice’ ”(267).

Em maio de 1922, *O Mundo Literário* publicava o primeiro capítulo da *Clara dos Anjos*, que o editor Francisco Schettino programara para lançar em livro ainda no mesmo ano. Lima Barreto trabalhava no *Cemitério dos Vivos*, escrevendo densos capítulos que ficaram inacabados. Um deles dizia: “O meu pensamento era para a humanidade toda, para a miséria, para o sofrimento, para os que sofrem, para os que todos amaldiçoam”. A 1.º de novembro, em sua humilde casa suburbana da rua Major Mascarenhas, sentado e abraçado a um volume da *Revue des Deux Mondes*, o romancista faleceu. A. J. Pereira da Silva contou o episódio do velório, a que, a certa hora, compareceu um desconhecido: “Quando transpuzemos a sala em cujo centro jazia o cadáver, o homem correu a espalhar no

(264) Francisco de Assis Barbosa: op. cit., págs. 293/294.

(265) Agripino Grieco: *Vivos e Mortos*, Rio, 1959, pág. 82.

(266) Artigo no *Estado de São Paulo* de 11 de novembro de 1948.

(267) Francisco de Assis Barbosa: op. cit., pág. 315.